

ARQUIVO

Texto extraído de:

“VIAJANDO COM GARRETT PELO VALE DE SANTARÉM (ALGUNS ELEMENTOS PARA A HISTÓRIA INÉDITA DA NOVELA DE CARLOS E JOANINHA)”

Actas do V Colóquio Internacional de Estudos

Luso-Brasileiros, Coimbra, 1966, vol. IV, pp. 163-192.

O texto de Ofélia Paiva Monteiro que seguidamente se reproduz, extraído de um ensaio publicado em 1966, marca o início de um longo e apaixonado convívio com a obra maior de Almeida Garrett. Sobre *Viagens na Minha Terra* legou-nos a ilustre Professora um conjunto de estudos interpretativos e analíticos indispensáveis ao conhecimento da obra e do seu autor, que viriam a confluír na monumental edição crítica, vinda a público em 2010.

Viajando com Garrett pelo Vale Santarém transporta-nos, como o subtítulo indica (*Alguns elementos para a história inédita da novela de Carlos e Joaninha*), à proto-história da narrativa encaixada e das suas personagens, colhida nos manuscritos do escritor. Ofélia Paiva Monteiro dedicava-se então ao estudo minucioso do espólio documental guardado na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, principal base de trabalho da sua tese de doutoramento, *A Formação de Almeida Garrett. Experiência e Criação*, defendida em 1972. Nesse enorme manancial de autógrafos, «percorrido com paciente e comovida atenção», como refere na parte inicial do texto, encontrou fragmentos de narrativas de diferentes épocas – algumas apenas esboçadas ou com anotações em papéis dispersos – que lhe permitiram estabelecer nexos produtivos com os romances posteriores.

É desses nexos temáticos e compositivos que trata o presente ensaio, incidindo particularmente na história da Casa do Vale. A novela inserta em *Viagens* representa, nas suas palavras, «a maravilhosa cristalização que polarizou, organizando-as finalmente num todo *poético*, pequenas ideias romanescas, fragmentárias e díspares, que no decorrer de vinte anos tinham perpassado, aliadas a vivências pessoais, no espírito vibrátil de Garrett». Na verdade, as “pequenas ideias” são testemunhos importantes da germinação de uma obra que ocupa um lugar indelével no Romantismo português e no nosso património literário. Mas só um conhecimento muito íntimo e perspicaz do autor permitiu à investigadora identificar essas ideias, interpretá-las e finalmente associá-las num *tudo* hermenêutico também ele orgânico e iluminador.

Memórias de João Coradinho, *Duas Irmãs* e *As três Cidras do Amor* são os textos inacabados que manifestam de forma mais expressiva os antecedentes da história de Carlos e Joaninha: plasmando-se em diferentes géneros novelísticos, têm em comum a opção por matéria diegética de atualidade – e esta incursão pioneira na contemporaneidade está devidamente contextualizada nas primeiras páginas do ensaio. Segue-se uma análise detalhada da construção das personagens que prefiguram, de modo embrionário, alguns dos conflitos dramáticos reconhecíveis nos heróis de *Viagens*: o desencontro emocional, a polivalência afetiva, o confronto entre a verdade natural e o artifício social. Temas recorrentes do imaginário romântico (macro-signos, diríamos hoje) mas, ao mesmo tempo, reveladores da grande plasticidade do autor na criação de ambientes e de caracteres verosímeis, elaborados com subtilidade e bem adaptados à realidade portuguesa.

No passo selecionado Ofélia Paiva Monteiro alarga a análise temática ao conjunto da obra garrettiana, salientando a sua coerência e a organicidade. Articula-a ainda com a experiência vivencial

do autor, apoiando-se na teoria do ‘mito pessoal’, difundida na altura pela psicocrítica de Charles Mauron. A terminar reafirma-se o interesse da investigadora na publicação integral dos inéditos revelados ao longo do ensaio; esse desiderato cumpriu-se em 2015, com a edição do volume *Fragmentos Romanescos*. Concluía-se assim a parte consagrada à narrativa do projeto de uma vida universitária em que tanto do seu saber empenhou: a Edição Crítica das Obras de Almeida Garrett.

Maria Helena Santana

OFÉLIA PAIVA MONTEIRO (1935-2018)

Principais ensaios sobre a novelística de Garrett:

“Viajando com Garrett pelo Vale de Santarém (Alguns elementos para a história inédita da novela de Carlos e Joaninha)”, separata de *Actas do V Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros*, Coimbra, 1966 (vol. IV, pp. 163-192).

Viagens na minha Terra, de Almeida Garrett (introdução, seleção, notas e glossário de Ofélia Paiva Monteiro), 2 vols., Coimbra, Col. Literária Atlântida, 1960-61; 2.^a ed., revista e aumentada, 1973.

“Algumas reflexões sobre a Novelística de Garrett”, in *Colóquio/Letras*, n.º 30, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1976, pp. 13-29.

“Ainda sobre a coesão estrutural de *Viagens na Minha Terra*”, in *Afecto às Letras. Homenagem da Literatura Portuguesa Contemporânea a Jacinto do Prado Coelho*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1984, pp. 572-579.

‘*Viagens na Minha Terra*’: o nascer da modernidade literária portuguesa, vol. III da edição fac-similada promovida pela Casa da Imprensa, Lisboa, 1993.

“*Helena*: os dados e as incógnitas de um enigma romanesco”, in *Leituras (Revista da Biblioteca Nacional)*, Lisboa, nº 4 (consagrado a Garrett), 1999, pp. 147-174.

“A renovação garrettiana do português literário”, in *Garrett às Portas do Milénio*, Lisboa, Edições Colibri, 2001, pp. 15-33.

“Garrett e a narrativa romântica portuguesa”, in *Actas do Colóquio No Limite dos Sentidos*, ABRAPLIP, Niterói, Universidade Federal Fluminense, 2005. Edição electrónica (CD-ROM).

“Garrett como personagem: da biografia à ficção”, in *História Romanceada ou Ficção Documentada? Olhares sobre a Cultura Portuguesa* (coordenação de Maria das Graças Moreira de Sá e Vanda Anastácio), Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, 2009, pp. 23-41.

Viagens na minha Terra, Edição Crítica (Estabelecimento do texto, Introdução e Notas), Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Col. “Edição Crítica das Obras de Almeida Garrett”, 2010, 533 pp.

Estudos Garretianos, Rio de Janeiro, EdUERJ (Editora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro), 2010, 282 pp.

Fragments Romanescos, Edição Crítica por Ofélia Paiva Monteiro e Maria Helena Santana (Estabelecimento do texto, Introdução e Notas), Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Col. “Edição Crítica das Obras de Almeida Garrett”, 2015, 343 pp.

o de tantas cenas das *Viagens*, onde entra a figura austera e quase ameaçadora do monge. De outras vezes, porém, só uma rápida alteração do rosto da velha denuncia pateticamente uma convulsão súbita do coração. Quando Ansur lhe perguntou um dia, a respeito das «três cidras do amor», se eram na verdade filhas de D. Murça, «a velha hesitou, correu-lhe o corpo um estremeção violento que lhe veio acabar nas pontas da barba e do nariz que vibraram como duas pernas de rã numa pilha voltaica»⁽¹⁾. Ora também o frade traía por vezes a agitação interior que trazia sob a carapaça aparente da dureza ameaçadora por um gesto ou um estremeção que vivificam a sua figura, muito recortada do figurino romântico convencional⁽²⁾.

Tudo quanto afirmámos nos permite concluir neste momento que, visionadas as intrigas e as personagens dos três romances apontados — *Memórias de João Coradinho*, *Duas Irmãs* e *As três Cidras do Amor* —,

que já apodreceu em tudo o mais, que já o comem, sem o ele sentir, os bichos todos da destruição... este cadáver tem um único ponto vivo no coração... e o dedo do teu egoísmo aí foi tocar, oh mulher!... Pecado que estás sempre contra mim! Justiça eterna de Deus quando serás satisfeita?» / Rompera na maior violência a voz do frade, mas descaiu num tom baixo e medonho ao fazer esta última imprecação misteriosa. As derradeiras sílabas quase lhe morreram nos beiços convulsos, e ao balbuciar-las deixou-se cair, exausto e como quem mais não podia, na cadeira que Joanhinha lhe chegara».

(¹) Cf. *Viagens*, p. 123: «Amarelo, roxo, pálido, o frade tremia: sumiram-se-lhe mais os olhos e faiscavam lá dentro como duas brasas; fez um esforço sobre si mesmo para falar, e disse com uma voz cava e cavernosa como de sepulcro: — «Pois pergunto, sim; e permita Deus!...»

Não se estranhe a comparação, inesperada talvez, das vibrações das narinas da velha com as das pernas de uma rã numa pilha voltaica (as rãs tinham efectivamente sido utilizadas nas primeiras experiências com pilhas eléctricas). Garret, dotado de uma sensibilidade extremamente vibrátil, recorreu muito frequentemente a imagens ligadas com a electricidade para mostrar os efeitos das paixões, ou a força comunicativa dos acontecimentos. Só alguns exemplos (a paginação diz respeito à ed. das *Obras Completas* de Garrett, em 2 vols., por. T. Braga, 1904):

«Um só povo do antigo mundo se isolou completamente da *força eléctrica* da revolução francesa» (*Portugal na Balança da Europa*, II, 538).

«A Revolução dos fins do século XVIII fora uma *detonação eléctrica*, que se comunicava, crescia, e crescendo destruíra e abrasava: a do princípio do XIX era uma força magnética, valente, poderosa sim mas serena, que chamava mas não impelia, atraía mas não centelhava» (*Ibid.*, 546-547).

«(...) que prodígio / Que *eléctrico poder* veio acordar-me / Deste morto letargo?» (*Lírica de João Mínimo*, *A Lira do Proscrito*, I, 93).

(²) Cf. *Viagens*, p. 134: «Joanhinha corou até o branco dos olhos... In da bem que a não podia ver a avó! Mas viu-a Fr. Dinis, e com a mão trémula e os olhos arrasados de água lhe fez um mudo e expressivo sinal de aprovação e agradecimento».

Garrett trazia no seu espírito quase todos os temas e personagens da futura novela da Casa do Vale. A fulcral oposição entre natureza e sociedade, vira-a já nos vários ângulos por que ali, simultaneamente, seria focada: autenticidade-artifício, unidade interior-polivalência afectiva, simplicidade portuguesa-requinte britânico; Joanhina se chamava já a encarnação da gentileza natural; Carlos estava pre-vis'ionado em Ansur, na sua «extravagância»⁽¹⁾, nos seus três amores sucessivos, na história criminosa da sua família; a avó e Frei Dinis estavam anunciados ambos na estranha Raula; enfim, já Garrett reconhecera a possibilidade de buscar no contemporâneo vivido pelo criador os elementos da sua ficção. E que, nas vésperas da composição das *Viagens*, todo este mundo romanesco se lhe agitava na imaginação, ansiosa de plasmarse em fruto mais sazonado, provam-no factos já mencionados, como o de escrever ainda em 1843 planos e fragmentos de *As três Cídras*, ou de ter idealizado, cerca dos anos 40, a peça *O Tanoeiro de Lisboa*, onde reaparecia Joanhina. Uma terceira prova, não mencionada ainda, está num breve apontamento lançado no verso de uma carta de Castilho de 10 de Maio de 1842⁽²⁾, que revela curiosamente, como vamos ver, ter-se mantido até esta data na sua imaginação a intriga de *Duas Irmãs*, acrescida embora de novos elementos:

«No outro dia de madrugada o inglês a tomar o fresco, e o Comendador trava amizade — passeio a Colares com as damas — encontro com Aires — (*riscado* vem a Sitiais).

— À noite em Sitiais percebe-se que Carlos está ferido — Passeio explicação — o inglês.

Maria, cujo marido está na província e é miguelista, tem uma secreta paixão por Carlos. Este namora Emília para incubrir (*sic*)».

Surpreendentemente, Emília é mulher de um miguelista, Ernesto passou a chamar-se Carlos e é ferido — como o herói das *Viagens* — talvez num recontro entre absolutistas e liberais! Este enriquecimento da intriga sentimental de *Duas Irmãs*, primitivamente colocada em 1813, com perspectivas oferecidas pelo enquadramento socio-político contemporâneo fora consequência sem dúvida de se ter entretanto radicado no espírito de Garrett a ideia de evocar em romance, antecipando-se luminosamente a Camilo, Júlio Diniz ou Eça, a complexa política portuguesa

(1) Dizem os soldados de Carlos, comentando os actos do seu oficial (*Viagens*, p. 158): «A menina dos rouxinóis? Essa é maluca». — «Gosta delas assim, que ele também o é».

(2) Ms. 131 (n.º 17) do espólio.

saída da Revolução de 1820⁽¹⁾. No verso de um ofício de Rodrigo da Fonseca Magalhães, de 20 de Dezembro de 1839⁽²⁾, deparámos efectivamente com este surpreendente plano de «novela contemporânea», bastante, na escassez dos seus dados, para deixar ver quanto Garrett agudamente buscaria as implicações sociais na análise das crenças políticas das personagens:

«Novela contemporânea

Um fidalgo antigo, um título, mas da pequena nobreza do Minho emigrou. À volta deixou-se fazer barão por fraqueza. Volta com uma filha para a terra acompanhada de uma demoiselle de companhia francesa — Arranja a sua casa à francesa ou à inglesa — Quer-se fazer liberal como o povo. — o abade é cismático — O cirurgião liberal — Sobrinho do abade que tem grande passal é rico — Filha do cirurgião. — Eleições — Pela Revolução de Setembro — Barão é cartista — Sobrinho do abade setembrista — O cirurgião setembrista puro — Comendador que depois se faz cabralista em 1842. O sobrinho do abade contra».

Ora, fundindo o flutuante e paradoxal mundo afectivo de *Duas Irmãs* com este romance político que imaginara, Garrett realizava a última etapa da gestação que conduziria às *Viagens*: a que inseria num contexto socio-político actual os casos sentimentais que lhe povoavam a imaginação, enriquecendo-os, com esse enquadramento, de novos significados ainda.

Entre 1845 e 1846, cristalizavam — enfim! — na novela da Casa do Vale todas as ideias romanescas que, à procura de forma, traziam de há muito preme a imaginação de Garrett. Que efeito verdadeiramente catártico lhe não terá trazido a criação! As obsessões ganhavam enfim existência literária, os símbolos dispersos por várias intrigas fundiam-se em silhuetas vivas que dialogavam e se organizavam numa história simples e grande, amalgamada com vivências pessoais. Carlos foi então o fruto de uma dolorosa história, como Ansur, que o desenganou e o revoltou, qual João Coradinho; servindo a causa liberal, quis «subir», como Gil, desandando em «barão»; perdera-se, fragmentando a personalidade, nos perigos atraentes do amor frívolo e das fatuidades elegantes, como Emília; apaixonara-se,

(1) Não esqueçamos que Garrett tivera em mente ser o historiador do seu tempo. Ao reeditar em 1843 *Adozinda*, anuncia para o fim do ano a publicação de um trabalho que por então o ocuparia intensamente — *Vinte anos da História de Portugal* — «período que começa em 1820 e chega aos dias de hoje» (*O. Completas*, ed. 1904, vol. II, p. 331). E na *Memória ao Conservatório* sobre *Frei Luis de Sousa*, do mesmo ano, diz estar empenhado na redacção da crónica de D. Pedro IV (*ibid.*, p. 774).

(2) Ms. 131 (n.º 22-A) do espólio.

como Ansur, por três mulheres, vítima da sua polivalência interior; Georgina, a terceira, amara-o, como Comba a Ansur; mas só o Vale rústico, natural e português, com a sua Joanhinha, inocente e amante como a das *Memórias*, eram para ele a verdade mais recôndita do seu coração; «matando-a» ao fugir da sua casa e do seu Vale, Carlos, vítima da sociedade como Gil ou o pícaro, negava-se à autenticidade e ao espírito: suicidara-se moralmente, cadáver que era dentro desse corpo de *barão*, integrado num mundo falso que só os contos de reis despertavam. Joanhinha enriqueceu-se com os olhos verdes e os rouxinóis do Vale de Santarém; Sol, Luna e Comba passaram do século XII para a atmosfera requintada da *home* britânica, onde tinham vivido Ernesto e Lord Max; Raula cegou e quase emudeceu na velha avó, ou masculinizou-se e cingiu burel em Frei Dinis. E toda a história se vivificou ao fundir-se entranhadamente com a experiência mesma de Garrett: qual Carlos, se perdera ele entre a sombra benéfica de A. Deville e a sedução estonteante da Viscondessa da Luz; qual Carlos, fora soldado galante dos esquadrões liberais, e crera em tempos na sinceridade do seu partido; qual Carlos, dialogara também, nos anos juvenis, com um «homem de princípios austeros, de crenças rígidas, e de uma lógica inflexível e teimosa» (1), que detestava o despotismo, mas escarnecia das teorias filosóficas dos liberais como absurdas e «perversoras de toda a ideia sã, de todo o sentimento justo, de toda a bondade praticável» (2) — seu extraordinário tio D. Frei Alexandre da Sagrada Família, cujo desenho espiritual informou sem dúvida o que de Frei Dinis se faz nos capítulos XV e XVI das *Viagens* (3); como Carlos, enfim, Garrett fora também quase vencido pela engrenagem inautêntica da sociedade: meio-barão, pactuava com um governo cujas orientações não subscrevia e estava em vésperas do título de Visconde.

Foi esta longa maturação revelada pelo espólio que permitiu a Garrett esconder numa efabulação verdadeiramente novelística, com personagens vivas, acção e diálogos maravilhosamente expressivos na sua coloquialidade tão dúctil, um *imbroglio* complexo de intenções, de sentidos, de símbolos, de experiências, que na sua imaginação se vinha de há muito armazenando. Cada tentativa abortada de ficção, longe de ter sido inútil, lhe deixou um lastro de personagens, cenas e motivos que enfim conseguiram plasmar-se numa intriga tal que a todos acolhia e simultâneamente a

(1) *Viagens*, p. 110.

(2) *Viagens*, *ibid.*

(3) Estudaremos longamente a figura de D. Frei Alexandre da Sagrada Família na nossa tese de Doutoramento.

todos adensava pelas oposições significativas que se estabeleciam na estrutura da novela. Por isso dissemos que a história de Carlos e Joaquina representou a «cristalização», no sentido stendhaliano da palavra, do mundo romanesco virtual que Garrett trazia na imaginação. E cristalização polifacetada, mas pura, límpida, transparente, liberta pela maturação depuradora de excrescências retóricas de estilo, de sinuosidades artificiais de entredo, de recortes fictícios de personagens.

Esclareçamos, porém, que, falando embora do *passado* da novela da «Menina dos Rouxinóis», não queremos significar que em 1845-46, ao concebê-la, Garrett tenha, sempre cônica e deliberadamente, amalgamado personagens, símbolos e lances das situações pretêritamente imaginadas. Quisemos mostrar, sim, que os textos invocados, se não prôpriamente *fontes* uns dos outros no sentido histórico-literário do termo, estão todavia profunda e intimamente aparentados, sem que o próprio Garrett o soubesse talvez, pelos denominadores comuns que a comparação entre todos permitiu encontrar. O método que seguimos assemelha-se deste modo à *sobreposição* de textos indicada por Charles Mauron como a fase preliminar dos estudos da moderna *psicocrítica* (1). «La remarquable constance des réseaux associatifs et des figures suggère en outre» — escreve o Autor citado — «que ces conflits doivent être, eux aussi, permanents, intérieurs à la personnalité de l'écrivain et inhérents à sa structure. Nous sommes ainsi conduits, par l'étude tout empirique des réseaux associatifs, à l'hypothèse d'une situation dramatique interne, personnelle, sans cesse modifiée par réaction à des événements internes ou externes, mais persistante et reconnaissable. C'est elle que nous nommerons, en effet, le mythe personnel» (2). Ora as estruturas dramáticas afins, as situações e personagens coincidentes, os símbolos obsidianes que revelámos neste *passado* das *Viagens* não trairão precisamente em Garrett a existência de persistentes e dramáticos conflitos íntimos entre natureza e artifício social, duplicidade e coerência autêntica, paixão e impotência afectiva, que a sua biografia explica em parte? Obras posteriores às *Viagens* como *A Cruz e o Perjúrio* (3), fragmento de romance de 1849, ou *Folhas Caidas*, a colectânea de versos publicada em 1853 mas inserindo poesias na sua maioria compostas entre 1843 e 1850, vêm ainda apoiar-nos, revelando a dolorosa

(1) CHARLES MAURON, *Des métaphores obsédantes au mythe personnel. Introduction à la Psychocritique*, Paris, Librairie José Corti, 1963, p. 32.

(2) *Id.*, *ibid.*, pp. 194-195.

(3) Ms. 76 e 77 do espólio de Garrett. O ms. 77 é a cópia, corrigida e aumentada, do primeiro. A data de 8 de Outubro de 1849 lê-se no ms. 76, escrito numa letra convulsionada.

constância dos mesmos temas que de tão longe obsidiavam Garrett. António José Saraiva, num penetrante estudo sobre as *Folhas Caídas*, pôs já em relevo quanto os conflitos revelados pelas poesias que as compõem se prendem à temática da ambiguidade interior contida em *Frei Luís de Sousa* (nas figuras de D. Madalena ou Telmo) e sobremaneira nas *Viagens* ⁽¹⁾. *A Cruz e o Perjúrio* retoma dramaticamente o mesmo conflito básico, parecendo prender-se de muito perto à trágica morte de Adelaide Deville. Efectivamente os heróis desse fragmento são Jorge, um escritor perdido no sorvedouro do mundo, e Maria ⁽²⁾, uma jovem que aos 16 anos se lhe dera totalmente para morrer, após sete anos de vida comum, do abandono interior a que Jorge, incapaz de amar, a votara:

«Todos dormiam menos dois: a moribunda que já não tinha sono, — e um homem que estava ali agonizando com ela, porque, se ela morria, era por ele...

Por ele vivera, por ele morria. Vida e morte eram dele: pertencia-lhe esta sua última dor, como lhe pertencera o seu primeiro prazer. Aquela existência, que estava nos extremos suspiros, era tão sua como a própria que Deus lhe dera. Aquele coração que arquejava nas derradeiras e descompassadas pulsações da agonia, nunca batera por outro desejo, por outro pensamento, por outra angústia ou por outra felicidade senão pelos que vinham dele ou iam para ele.

Essa mulher tinha amado como, rara vez, a mulher ama.

E ele?

Ele era homem. E homem que fazia política, fazia livros, sistemas, eloquência, versos — isto é, mercadejava em palavras. Traficava dessa mercancia falsa e vã, que não tem lei nem peso, que vem à pena ou aos lábios a contrabando d'alma e sem despacho do coração.

Porque a sua alma era da ambição que lha comprara. Embriagava-se nas quimeras da popularidade, nas excitações febris da tribuna, e sonhava delícias de ouro e púrpura com o filtro delicioso que bebia a largos tragos no aplauso das multidões.

Com o que lhe ficava disso, que era bem pouco, amava-a, amava essa mulher. Mas que podia ficar de tudo isso? — Nada ou quasi (*sic*) nada.

E ela, que dera tudo e tudo queria, bem sabia o pouco que tinha. E disso morria.

Morria, sim; porque pais, família, nome, consideração e lugar no mundo, o que se diz fama, o que a hipocrisia chamou honra — ela pusera tudo aos pés desse homem que a deslumbrara... e não lhe pediu senão o seu coração.

O seu coração dele? tesouro infinito, supunha a infeliz, tesouro que valia, que pagava por tudo.

(1) *Introdução a Folhas Caídas e Outros Poemas*, Col. *Clássicos Portugueses*, Lisboa, 1943. Este estudo foi incluído em *Para a história da cultura em Portugal*, do mesmo Autor, vol. I, Lisboa, 1961, pp. 61-79, com o título de *O conflito dramático na obra de Garrett*.

(2) No borrão do fragmento, a heroína chama-se Amélia.

Deram-lho... viu-o, examinou-o de perto — e não achou senão vaidade: vaidade vã, vazia e vácuca! Um túmulo, onde já nem cinzas havia: os vermes da ambição tinham devorado tudo.

E a desgraçada não tinha senão dezasseis anos quando sonhara assim — poucos meses mais quando despertara assim!»

Quem não reconhecerá que este texto se prende à mesma *source intérieure* ⁽¹⁾ que espelham a *monstruosidade* de Carlos, o obsidiante *não te amo* das *Folhas Caídas*, ou o malogro das três Joaninhas, tão diversas na sua aparência e na sua colocação histórica, mas tão semelhantes no seu escondido significado?

Não cremos, pois, insensato falar da existência em Garrett de uma mitologia pessoal profundamente ligada à sua própria experiência, verificada como está a estranha constância de temas e personagens que a sua obra da maturidade revela ⁽²⁾. Explicar o processo da gestação dessa mitologia, eis uma das tarefas que de há anos vimos tentando. Do valor que assumem os fragmentos do espólio, por descarnados que sejam, para a profunda compreensão de Garrett, do Garrett *homem* e do Garrett *criador*, tão intimamente amalgamados, como sempre, na forja mistificadora e sintética da Arte, provas bastantes demos neste trabalho. Oxalá possamos em breve realizar o desejo da publicação integral dos seus inéditos.

⁽¹⁾ CHARLES MAURON, *ibid.*, pp. 79, 80.

⁽²⁾ Curiosos estudos têm sido feitos sobre a mitologia pessoal de alguns autores e os seus reflexos na criação artística. Veja-se, por exemplo, a tese de Doutoramento apresentada à Sorbonne por Jean Richer, intitulada *Nerval. Expérience et création*, Hachette, Paris, 1963.